

Técnicas inovadoras garantem a inclusão

Tadoma e escrita na palma da mão melhoram aceitação dos deficientes

A agulha e a linha já estão guardadas na bolsa. Agora só falta Ingridy terminar o banho e trançar, com cuidado, os longos cabelos, para mãe e filha retomarem a jornada. De segunda a sexta-feira, a dona de casa Vânia Lopes e a jovem Ingridy Soares saem de casa, em Planaltina, ao meio-dia, com destino à Escola Classe 114 Sul. Ao chegarem, a professora Sueli Rodrigues pega nas mãos de Ingridy, que nasceu deficiente auditiva e perdeu a visão aos três anos, vítima de glaucoma.

Enquanto a jovem de 13 anos aprende a se comunicar com o mundo, a mãe a espera no portão da escola, fazendo bordados. O dia é longo: a aula termina às 18h15. Mas vale a pena. Como Penélope na *Odisséia* de Homero, bordar na escola da filha significa tecer o sonho de vê-la independente.

Durante a gestação, Vânia teve rubéola, não diagnosticada pelos médicos. "Eles diziam que era alergia", lembra. O resultado da negligência foi o nascimento de um bebê frágil, vítima de enfermidades

frequentes. "Os médicos sempre faziam exames e, quando ela tinha um ano, descobriram a surdez", lembra a mãe, de 42 anos.

Antes de se matricular na escola, a filha era agressiva e ficava nervosa por não conseguir se comunicar. "Era difícil para a gente aceitar a realidade e eu não entendia o que ela queria dizer". Após aprender as técnicas do Tadoma e da escrita em caixa alta na palma da mão, Ingridy ficou mais calma. "Hoje é mais fácil. Ela se comunica até com quem não sabe a linguagem de sinais, por meio da escrita em caixa alta", orgulha-se.

MOBILIZAÇÃO FAMILIAR - As necessidades de Ingridy mobilizaram a família. Vânia, o marido, os outros dois filhos e até a neta de um ano e nove meses ficam atentos aos gestos e aprendem com ela. "A convivência faz a gente se adaptar. Meu marido, por exemplo, coloca a mão de Ingridy na boca dele para ela saber como se pronunciam palavras. E minha netinha já sabe algo da lin-



Ingridy e Vânia comunicam-se graças às técnicas ensinadas pelas escolas públicas do DF

guagem de sinais", conta. A paciência tornou a jovem, estudante da segunda série do ensino regular, mais confiante. "Ela toma banho, faz tranças, ajuda na limpeza de casa e à

noite lê cadernos em braille", diz.

Viver em função de Ingridy não é um fardo para Vânia. "Estou preparando minha filha para o mundo. Não sou eterna e sei que, ao con-

trário do que muita gente pensa, ela é capaz. O amor faz a gente aceitar o filho do jeito que ele é. Por isso não me importo em passar as tardes na escola", emociona-se.